

Considerações sobre alguns modelos propostos ao planejamento da cidade enquanto subjetividade da cidade ideal

Antonio D'Elia Junior¹

Resumo: Criar a cidade onde todos os espaços, funções e interações sejam harmônicos e equilibrados, onde seu desenvolvimento seja visto como algo que vá acontecer considerando-se sua idéia concebida, sempre se deu como contraponto a cidade natural, aquela que foi criada, cresce espontaneamente, em meio a várias concepções, desde um respeito quase mítico ao seu traçado original, que se reflete paradoxalmente as áreas onde tal entendimento segue uma lógica própria, difusa, caótica. Expõe-se então, um breve enlace que traça a evolução histórica organizada das idéias e ideários concebidos em torno de um objetivo único, embora difuso; a descrição de uma sociedade imaginária que repensaria e recriaria a sociedade existente a partir de uma noção-chave; a Cidade Perfeita.

Palavras-chave: Cidade. Utopia. Cidade Planejada. Cidade Natural. Pensamento urbano. História do Urbanismo.

Abstract: Create a city where all spaces, functions and interactions are harmonic and balanced, where its development is seen as something that will happen considering their conceived idea ever occurred as a natural counterpoint city that has been created, grows spontaneously among various designs, from an almost mythical respect to the original design, which paradoxically reflects the areas where such understanding follows its own logic, fuzzy, chaotic. Then exposes himself, a short loop that traces organized the ideas and theories designed around a single goal, although diffuse historical evolution, the description of an imaginary society that rethink and recreate the existing society from a key concept; the Perfect City.

Keywords: City. Utopia. Planned City. Natural City. Urban thinking. History of Urbanism.

¹ Doutorando do PPGDIR-UERJ. Professor de Teoria do Estado e Chefe Geral de Departamento do Curso de Direito do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense – UFF

1. Introdução

A Cidade. Natural fruto espontâneo da aglomeração de casas, erigidas pelas diversas vontades conurbadas, fruto inequívoco da reunião de interesses, necessidades, perseveranças. Libélulo de tensões sociais, estresses de todo o tipo, angústias, secessões, rupturas, loucuras, inseguranças.

Entre virtudes e detrações, o motivo urbano está mais que vivo nos questionamentos e pensamentos dos que se questionam sobre os inventários do pensar a cidade.

Neste exercício, é que se observa a essência idealista que cercam estes pensamentos e seus desdobros e evolução através dos tempos. Examina-se a formação e a evolução do movimento que leva a pensar que seria não só possível formular o ideal perfeito de vida congregado no espaço de uma cidade mas quais seriam as premissas-bases daqueles que buscaram com suas idéias, ao longo dos tempos, agregar sob o espaço/ideário urbano, o equilíbrio, a temperança e até audazmente (ou utopicamente), a felicidade de seus habitantes, ou possíveis habitantes.

Por esta idealização, observa-se que existe um princípio-guia; de que o objetivo de uma cidade estaria em sua especial arrumação, e que assim haveria a capacidade de gerar uma versão idílica de vida, onde a conjunção de idéias e uma planificação edificativa forneceriam a gênese de uma concórdia do bem-viver Passárgada² do poeta.

Assim, o objeto deste ensaio, é pensar a respeito das idéias sobre a cidade em sua última instância; a da perfeição.

De forma bastante breve e concentrada, serão expostas formulações sobre a Cidade Perfeita, com base nas premissas dos pensadores clássicos utópico, conjuntamente com pesquisadores que se debruçaram sobre esta problematização, e o que dessas formulações, podemos encontrar contemporaneamente nos nossos componentes urbano-sociais, tendo como linha temporal final a década de 1990.

2. Dos Utópicos e seus ideários – Platão, More e Campanella

Quando se remete ao ideal da Cidade Perfeita, iniciamos esta análise na tríade mais significativa das obras utopistas, que são A República, de Platão, A Utopia, de Thomas More e a Cidade do Sol, de Tommaso Campanella.

Em A República, Platão, grandemente influenciado pela morte de Sócrates, considerado por aquele como o homem mais sábio (e por conseguinte, justo) que já existira, passa à árdua elaboração filosófica de uma sociedade ideal, onde reinasse a justiça e a sabedoria, para que a sociedade não pudesse ser desprovida da sabedoria, passando à crítica de um mundo de homens que verdadeiramente desconheciam os verdadeiros conceitos de justiça, beleza, felicidade e virtude e que, através da fragilidade das suas opiniões e da acusação de impiedade por Meleto, haviam condenado o homem mais virtuoso de Atenas.

Da discussão inicial da obra, que gira em torno dos conceitos filosóficos aplicados a política, há a perquirição dos interlocutores a respeito do que seria a Cidade Perfeita³.

Na composição desta cidade entram os chamados *guardiões* que seriam os jovens educados sob as sólidas bases da formação filosófica necessária aos dirigentes de uma cidade que se propunha ideal, formação esta que seria baseada em aritmética, geometria, astronomia e música, que seriam apenas a antevisão da dialética, mãe de todas as idéias, recaindo ainda sob estes, um número infinito de responsabilidades, onde a chave para entendermos se encontra na transmutação do privilégio do governo, em sacrifício para governar, vicinada numa simbiose entre bem comum x satisfação pessoal.

O pensamento de Platão então, segue entre vários tributários, através da reforma social, desembocando necessariamente, numa mudança econômica e principalmente, política; quase uma visão espartana e olímpica⁴, despreendida de valoração material e abnegada em igualitarismo.

Como observa MAURÍCIO PINTO⁵;

Quando Platão, na República, projeta sua “cidade perfeita”, seu estado ideal, não esperava que tal utopia viesse a se realizar totalmente; tinha consciência de que aquilo que propunha era perfeito nas palavras, e não tinha por expectativa realiza-lo integralmente no mundo empírico: ‘não importa se existe ou se jamais existirá (...) nunca foi construída de fato, por isso erigida para sempre.’

Interessante notar que Platão baseia sua Cidade verdadeiramente na *fortaleza dos homens*, quando formula suas premissas sob a importância de se pensar algo que fosse plausível como idéia de mundo, destarte que isso não fosse concretizado.

E assim, fosse também indivisível perceber a importância que o Estado tem para o homem e que o homem têm para o Estado, pois;

Estado e homem são uma só coisa, em diferentes proporções: o Todo (o Estado) nada mais é que o conjunto das deliberações de suas partes (os homens). Desta forma, homem e Estado são indistinguíveis⁶.

Saindo do Séc. IV a.C, encontramos no Séc. XVI (1516), o pensador inglês Thomas More, em seu livro *Utopia*, descrevendo no *Livro Segundo*, as características de sua ilha de Utopia e principalmente sua capital.

Tal lapso de tempo explica-se pois, indo além da mera formulação hipotética não-espacial de Platão, More preocupa-se em descrever pormenorizadamente sua estrutura ideal, dando as medidas geográficas da ilha, onde encontramos o ambiente interno belo e agradável, contrastando com o ambiente externo inóspito e inacessível aos estrangeiros/inimigos.

Note-se que a dicotomia não é natural, pois a ilha foi criação do *Rei Utopus*, que, tomando a terra, lhe faz ordenar a divisão da península de *Abraxa* por quinze milhas à outras terras, dando-lhe novo nome e;

(...)transformando o povo rude e selvagem que a habitava num povo com uma civilização perfeita, que em muitos pontos ultrapassa a de todos os outros povos.⁷

Das cinquenta e quatro cidades existentes na ilha, todas tem como matriz um mesmo projeto; todos possuem a mesma língua, leis e instituições, pois; “(...) quem conhece uma [cidade], conhece todas”.⁸

A capital de Utopia, *Amaurota*, situa-se na encosta de uma colina, acha-se cercada de alta muralha, com torres e fortins, e, em três dos seus lados, há um fosso profundo e largo, obstruído por vegetação espinhosa; cada casa tem uma porta principal e uma porta aos fundos; não existe a propriedade privada: todos podem entrar e sair livremente das casas.

Mais uma vez, aparece aqui a preocupação de More em demonstrar o contraste ambiente interno belo e agradável x ambiente externo inóspito e inacessível ao estrangeiros/inimigos.

Há também uma minuciosa descrição de hábitos e da filosofia/*modus operandi* do lugar, com uma interessante parte dedicada a guerra⁹ (que é abominada a priori, mas que é admitida por alguma razão que seja considerada justa) e as religiões¹⁰ (que tem características pagãs, deístas ou iconoclastas).

Em 1623, o escritor Calabrês Tommaso Campanella, na sua obra *Cidade do Sol*, localiza sua Cidade em lugar exótico/paradisíaco (Ceilão, atual Tailândia), e sob forte inspiração mística; “Divide-se em sete círculos e recintos particularmente designados com os nomes dos sete planetas”.¹¹

Que também revela em sua estrutura, fortes elementos panópticos¹², pois os mesmos círculos místicos são interligados, pois se comunicam um com o outro por quatro diferentes caminhos¹³, que terminam por quatro portas, guardadas por sentinelas ininterruptamente¹⁴, além de que, se não havia uma prisão – apenas uma torre onde se

trancafiavam os inimigos e rebeldes, mas, que a ostensiva vigilância era suficiente para punir-se com;

(...)com o exílio, a pancada, a desonra, a privação da mesa comum, a interdição ao templo, a proibição das mulheres. E, quando os excessos são muito graves, punem também com a morte. Pagam olho por olho, nariz por nariz, dente por dente, de acordo com a lei de talião.¹⁵

O governo é exercido de forma absoluta e perpétua por *Hoh*, um sacerdote dotado de poder, a quem se submetiam as todas as questões, espirituais e temporais. Aos habitantes, era ministrada uma perfeita instrução.¹⁶

A cidade solar também refuta a guerra, imbuída de visão religiosa unicista, baseada em preceitos católicos.

Contudo, vê-se que sempre está presente, a idéia de que o ideal está sempre associado a uma construção genética (Platão e More), ou seja, que surja do nada, ou que se situe em lugar remoto de modo que não haja como averiguar sua gênese (Campanella).

3. O Iluminismo e seu processo ilustrativo aplicado às cidades

Partindo do princípio que para se entender a cidade iluminista é preciso entender a ilustração, é necessário remeter-se ao exame da *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert.

Dividido em três partes, o verbete *cidade* se consiste nas matizes urbano/arquitetônico, histórica e jurídica. Destacamos, além da definição física da cidade em termos espaciais, as prescrições relacionadas com a beleza (simetria dogmática) e a utilidade (termos de circulação das pessoas e de defesa).

Também, dentro da cidade iluminista, encontramos elementos dicotômicos, como as relações de abertura/clausura, individuo/coletivo, estético/utilitário, novo/antigo, que são, via de regra, seus elementos diretores, que incorporam premissas utópicas anteriormente examinadas, mas considerando todavia que a contradição é uma exigência normativa da Ilustração e não meramente uma imperfeição teórica.

Transitando da Ilustração para o Iluminismo, há a positivação da contradição, e a adoção do respeito a polarização; observam-se os elementos dicotômicos, de forma que nenhum elemento possa ser ignorado ou desconsiderado em relação ao outro.

Dentro desta perspectiva, existirá a interessante reflexão de ROUANET¹⁷ que versa sobre as cidades utópicas de viés inspirativo no iluminismo. Segundo este, elas

possuem uma forte vinculação com uma concepção de mundo. As cidades são circulares, pois o círculo é deificado (visão religiosa).

Citando as mais diversas experiências, que variam da simetria de CABET¹⁸, as sensoriais (principalmente olfativas) dos arquitetos revolucionários, o simbolismo de LEDOUX¹⁹, passando também pelo Falanstério de FOURIER²⁰, não obstante, ROUANET não tem como forma indelével a materialização do mundo em termos iluministas.

Assim, forma-se o arquétipo urbano iluminista; acima, a concepção do mundo (iluminismo enquanto idéia), abaixo, a cidade real que o urbanista projeta/intervém (chamada de URBS por ROUANET) e entre elas, as normas formais de ação urbanística; os valores do urbanismo enquanto idéia (chamada de CIVITAS²¹).

A CIVITAS não estabelece normas rígidas, apenas limites a URBS, escalonados pela observância da ética polar que permeia a cidade iluminista.

Isso faz com que a cidade iluminista seja socialmente aberta, delimitada entre a vida urbana e a natureza, atenta ao interesse coletivo, funcional, permitindo o advento do novo.

Este tipo de estruturação permite que a CIVITAS seja suficientemente genérica e capaz de orientar a construção das URBS, de forma que haja espaço suficiente para modificá-la sem corrompê-la, pois sua missão é fraterna, conciliando a Terra (Natureza), com a civilização urbana.

Interessante notar a observação de GOROVITZ²² a respeito das Cidades e do Iluminismo influenciando a Urbe Brasileira durante o século XVIII.

Nestas cidades pela primeira vez a intenção plástica é definida a partir de todos os componentes urbanos, além dos edifícios para fins administrativos ou religiosos, também as habitações e seus equipamentos, em outros termos: incorpora o cotidiano na definição do conjunto. Ainda mais: o cotidiano passa também a definir e se definir como escala monumental, agora em dimensão urbana. Ao submeter todos os elementos a um desígnio estético, eleva a cidade como um todo à categoria de obra de arte.

4. O Idealismo na Cidade Industrial e Pós-Industrial

Com a Revolução Industrial, o homem conhece uma novo limite as suas dimensões e velocidade, antes ligada intimamente ao transporte hipomóvel, passa-se a submeter a máquina, que agora dita seu ritmo a vida. O advento da máquina trás em seu bojo, uma nova interpretação do papel das cidades numa era mecanicista.

O aumento da população (crescimento demográfico), agregado a uma maior oferta de bens e serviços, desenvolvimento das comunicações e principalmente, a rapidez e o caráter franco destas transformações, que não mais levam séculos para ocorrer, mas poucos decênios ou mesmos anos.

Desta forma, doravante, não mais se encontrará um mundo onde exista um relativo equilíbrio de situações, mas sim um moto contínuo de profundas e cada vez mais velozes transformações.

Em meados do séc XIX, pode-se dizer que os defeitos causados na cidade industrial sejam bastante numerosos e naturalmente incomuns para que possam ser entendidos num período de transição, e por conseguinte, dirimidos. Parece que a realidade e o ideal tem diferenças cada vez mais inatingíveis.

O ambiente desordenado e inabitável (onde irremediavelmente encontramos as camadas menos privilegiadas da população), resultante do choque entre estruturas antigas e novas necessidades, recebe uma série de propostas que visam transformar a sociedade industrial em algo novo, que gere uma harmonia entre a cidade e o campo, pois deverá conciliar um ambiente que seja relativamente pequeno de modo que possa ser organizado de modo unitário, porém grande o suficiente para gerar o próprio sustento e cultura.

Dentre estas propostas, citadas por BENEVOLO²³, existem as de OWEN²⁴, o já citado FOURIER, e inspirado naquele, o Familistério de GODIN²⁵.

Postas em prática ou não, vemos que o ideário destas obras vem de encontro a própria ideologia liberal-industrialista, já que resolvem dar resposta a todos os aspectos da vida familiar e social, de forma pública e coletiva.

Mais do que isso, recorrentemente a análise e a programação racional como antecipação ideal, os projetos são;

(...)máquinas calculadas para aliviar o homem do peso da organização física tradicional, que retarda as transformações políticas e defende o sistema dos interesses existentes.²⁶

Na cidade Pós-Liberal se refletem basicamente as sucessivas mutações urbanas que se processam durante o século XIX, e, sobretudo, a superação dos problemas provocados por essas mesmas mutações, faz emergir um conjunto de novos saberes e de novas reflexões (massificação, crescimento, êxodo, higienismo), que mais tarde seriam definidas como bem narra VIANA²⁷, como utopia de uma nova ciência; o Urbanismo, assim definido na *Teoria General de la Urbanización* (1867), do engenheiro catalão Ildelfonso Cerdá.

É a forma para a construção de uma sociedade mais ajustável e melhor conduzida, era a eliminação da insalubridade e degradação, era revalorizar e reenquadrar os monumentos, era mais do que isso

uma busca para a circulação fácil e cômoda dentro da cidade. Era a era da velocidade...

A grande representação do ideário da cidade pós-moderna é o plano urbanístico que reforma Paris, realizado entre 1851 e 1870 por Georges-Eugène HAUSSMANN²⁸; este plano representa não só a grandiosidade do modelo urbano vindouro, mas também consolida a era que virá imediatamente após; a cidade como um organismo, é fator de progresso, a ciência das cidades apoia-se sobre um método experimental: diagnóstico e prognóstico.²⁹

A sociedade européia, como que ante perturbadora fascinação pelo ambiente novo e por si só contraditório, pois, as modernas técnicas arquitetônicas (principalmente a revolução do aço provocada pelo processo Bessemer³⁰) lhe geram uma nova cidade, mas que, em seu bojo, não resolve de vez com os antigos problemas, mas trás outros, de maior monta, e absolutamente inesperados.

5. O Moderno e sua fé no Futuro

A inovação técnica e industrial que passavam as cidades, no término do século XIX e início do Séc. XX, com o desenvolvimento da fotografia, do cinema, e com a produção de automóveis e o surgimento da aviação, criavam um clima favorável as novas propostas de cidades que rompessem com as soluções presentes e fossem plenamente locadas para um futuro.

O importante não é mais reajustar as linhas arquitetônicas, mas sim edificar a partir de um plano ideal, valendo-se do milagre científico-tecnológico, estabelecendo-se daí, as novas formas, linhas e razões para a existência, tendo como motor as condições da vida moderna e de sua especial projeção como valoração estética e sensível.³¹

De certa forma resgatando os utópicos, os movimentos modernos como os propagados por Sant'Elia (Cidade Futurista), Garnier (Cidade Industrial), Gropius (Bauhaus, que ensina seus alunos a projetarem do móvel a cidades inteiras), congregam em si uma nova pesquisa coletiva e unitária, na qual terá como seu expoente máximo Le Corbusier, (O grande inspirador da obra máxima do modernismo; Brasília) e sua expressão triunfal da Cidade Maquinária.

As premissas construtivas (planejar, programar, projetar, construir, ocupar) e da cidade (habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, circular) pretendem superar os antigos questionamentos e problemas não solvidos no tempo, através da superação entre os antigos antagonismos cidade/campo, propriedade particular/interesse público.

Doravante, a alternativa válida é a reconquista do controle público sobre todo o espaço da cidade.³² Todas estas idéias são consagradas na Carta de Atenas³³;

O direito individual e o direito coletivo devem, portanto, sustentar-se, reforçar-se mutuamente e reunir tudo aquilo que comportam de infinitamente construtivo. O direito individual não tem relação com o vulgar interesse privado. Este, que satisfaz a uma minoria condenando o resto da massa social a uma vida medíocre, merece severas restrições. Ele deve ser, em todas as partes, subordinado ao interesse coletivo, tendo cada indivíduo acesso às alegrias fundamentais: o bem-estar do lar, a beleza da cidade.

Documento gerado pelo CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, movimento atuante entre 1928 e 1956, nos qual foram discutidos de que forma os paradigmas da arquitetura moderna poderiam responder aos problemas causados pelo rápido crescimento das cidades causados sobretudo, pela mecanização na produção e mudanças nos meios de locomoção e transporte.³⁴

Extenso documento de caráter universal e pluralístico, tentando escapar da dogmática academicista refutada pela própria *Declaração de La Sarraz* de 1928, (documento constitutivo dos CIAM) dividido em 95 pontos, sublinha a importância do urbanismo;

O urbanismo é chamado para conceber as regras necessárias a assegurar aos cidadãos as condições de vida que salvaguardem não somente sua saúde física mas, também, sua saúde moral e a alegria de viver delas decorrente.³⁵

E principalmente, reintera sua fé no potencial da arquitetura e da planificação como definidores da forma da cidade.³⁶

6. As premissas pós-modernas

Atualmente, não mais se deposita tanta fé que as soluções físicas das cidades possam ser um solucionador dos problemas urbanos. É bem verdade que tampoco se deposita esta fé nos homens, já que o mundo globalizado e as culturas fragmentadas acabam criando uma natural desilusão em relação a qualquer projeto humano.

Cada vez mais, a padronização dos hábitos e costumes é inculcada dentro da nossa cultura. Se a proposta universalista dos modernos era a regra anterior, agora o entendimento idealizador dos pós-modernos se volta a propostas localizadas que podem ser adotadas para todos, a todos e a todo o tempo. É a utopia de More travestida em destopia.

O emblema deste entendimento é o movimento chamado de Novo Urbanismo³⁷ - *New Urbanism*. centrando sua discussão basicamente na problemática de cada cidade norte-americana, e enfatiza como solução suas determinações a respeito da necessidade de controles legais e de instâncias governamentais de regulação.

Negando as premissas da Carta de Atenas, o movimento enfatiza que as soluções físicas *per se* não resolveriam os problemas sócio-econômicos, e que os arquitetos/urbanistas devem ser acompanhados por grupos multidisciplinares e ampla base democrática, assim como de uma vontade privada e pública e uma confluência de consenso/recursos para executar de forma eficiente a criação, transformação, restauração de qualquer paisagem urbana, dentro de determinações que considerem mais genericamente o projeto urbano, transcendendo estilos e enfatizando a criação de unidades dentro de uma hierarquia urbana, agregando valores a vida pública e exercendo um uso mais racional dos recursos.³⁸

Quando vemos a materialização das propostas do *New Urbanism*, é que podemos perceber qual o tipo de ideário que existe por trás da proposta.

As principais experiências atribuídas a esta corrente são as cidades de *Seaside* (1981), e o empreendimento da Disney, *Celebration* (1997), germinação real de um sonho do velho Walt Disney, a EPCOT (Experimental Prototype Community of Tomorrow-Protótipo Experimental da Comunidade do Amanhã), hoje parte integrante de seu parque temático na Flórida.

Condenada até bem pouco tempo como metáfora de uma assustadora projeção, nas palavras de LARA³⁹, a Disneylândia, quando da comemoração de seus 25 anos, resolveu através da *Disney Co.*, edificar na Flórida uma cidade para 20 mil habitantes, que seria meticulosamente planejada, projetada, e executada exageradamente nos mínimos detalhes para a satisfação de seus moradores/visitantes.

O resultado disso é que, em nome da harmonia arquitetônica, a cidade não possui prefeitura ou qualquer outra instância do poder público, que é exercido pela *Disney Co.* com um poder que não permite ao morador nem escolher a cor da própria janela, nem menos plantar uma árvore em seu jardim.

A observação de LARA⁴⁰ é lapidar neste caso;

Os profissionais liberais que vão aos poucos se mudando para Celebration buscam justamente um script qualquer, na impossibilidade de escreverem suas vidas por eles mesmos. Pretensamente protegidos pela Disney Corporation, abrem mão de seus direitos políticos ou de suas liberdades em nome de uma promessa glamorosa de harmonia que confunde tragicamente a vida real com os contos de fadas. Já não basta o isolamento conservador do subúrbio, é preciso que alguém lhes proteja das tentações e disfunções ameaçadoramente cotidianas como as muralhas e a ponte levadiça protegiam os camponeses que viviam ao redor do castelo. Qualquer semelhança com o antigo feudalismo não é mera coincidência no momento em que, insistindo em não tentar melhorar as condições de vida dos bárbaros que vivem bem ali, do outro lado

do rio ou da avenida, talvez só nos reste correr para o castelo e ir morar com o Pateta.

A cidade de Seaside, por si só, já foi porta-voz de vida ideal, quando escolhida como cenário (real) do mundo (imaginário) do longa metragem Truman's show (O show de Truman), que conta a história de uma pessoa que é literalmente criada num ambiente de panóptico como *reality show*, ou mais sombriamente, como o somático *Brave new world* de Huxley.

Geneticamente críticos aos Modernistas, o Novo Urbanismo também sofre veladas restrições aos seus preceitos, tais como as enumeradas por LARA⁴¹; não oferece solução alguma para os problemas urbanos já existentes (a receita foi aplicada apenas a novos empreendimentos, não a áreas já ocupadas) e ofereceria mais uma opção de escolha uma classe média branca que já tem várias opções, deixando de fora os que mais sofrem os problemas urbanos, ou seja as camadas menos inclusas.

Também é interessante observar que as novas tecnologias, principalmente as relacionadas a telemática, causam enorme influência no meio urbano, pois já existem inúmeras edificações projetadas como teleportos, ou seja, aptos a oferecerem serviços telemáticos de ponta.

Reverenciada por Pierre LEVY⁴², que afirma ser possível virtualizar comunidades a verossimilhança com o mundo real havendo uma substituição do *contínuo* temporal-espacial⁴³, refutadas por outros, com destaque a Paul VIRÍLIO⁴⁴, que a tratam como atopia, ou seja, a ausência de lugar, pois se trataria de uma ausência também corporal, tornando-a um não lugar e um não corpo⁴⁵, o mundo virtual e conseqüentemente suas premissas idealizadoras ainda não estão suficientemente localizadas para análise crítica ponderada.

Também acompanhando a relação tempo e espaço, temos a discussão dos novos espaços privados apropriados de publicidade, onde o exemplo mais fático é o dos *Shopping-Centers* e a criação de novos bairros, com espaços públicos estritamente controlados, cada vez mais dispersos no espaço urbano, e instalados antes mesmo da infra-estrutura e controle urbano chegar a área escolhida.

Tema de extensa discussão e complexidade, cito-o aqui como o mais emblemático exemplo de como estes espaços são por excelência, matizadores de processos e relações sociais previamente ajustadas, guiados pela lógica do cálculo consumista e que inverte os valores urbanos, passando a encarar a cidade como acessório, e não, principal.⁴⁶

7. Conclusão

A idéia da Cidade Perfeita, passa necessariamente pelo exame da palavra perfeição⁴⁷, que nos leva as idéias de qualidade, ausência de defeitos, excelência ,

primor, correção, bondade ou virtude, pureza, precisão, e também a definição filosófica, do estado do que é perfeito.

Intrigantemente, em perfeição, não encontramos a palavra *novo*, que é a célula-mater de todas as construções ideais, principalmente as utópicas.

Como admitir então que o perfeito venha do novo, se não podemos derrubar as nossas cidades? O que seria melhor, humanizar o nosso erro, ou negá-lo em dialética reducionista, ou, em termos arquitetônicos, construcionistas?

Se resgatar os princípios básicos de humanidade, for aderir incondicionalmente aos projetos de perfeição urbana, estaríamos fadados inevitavelmente a infelicidade de nossas comunidades, as não-planejadas, por exclusão, e as planejadas, por frustração, pois estaríamos condenados a um entendimento urbano imperfeito e injusto, como se o processo de conhecimento de uma situação adversa, não fosse mais possível num caminho à felicidade.

Seria então o melancólico reconhecimento que o Direito é dar a cada uma aquilo que é seu, relegando ao medíocre a sua mediocridade, ao marginal sua marginalidade, ao ignorante sua ignorância e aos cidadãos sua mesmice urbana?

Utopia está também relacionada a saudade dos nossos idealismos, da cidade de nossos corações, sabores, sensações. Da *Flanerîe* de Baudelaire, do parquinho de nossa infância, do banco de nossos namoros adolescentes, dos filmes no cinema imponente de nossas recordações, ou até mesmo da ocupação das ruas como manifestação de vontade ou indignação com o sistema.

O *Shopping* é a condição de nossa vida pós-moderna, seu aconchego é o consolo para ideários de vida conformistas e apaziguadas, não pela religião ou convicções políticas, mas pelo consumo e da ausência temerosa das incertezas da vida.

É a destopia transmutada em utopia, é a presença do lugar que não existe para o espaço existente, a custo de tornar-se penoso (re)conquistar as vicissitudes da própria alma. Paga-se, sem questionamentos, o conforto de espíritos, almas e existências.

Talvez um dia possamos constatar, ante horrorizado espanto, que as cidades perfeitas seriam as moradas dos superhomens, pois só como tal, poderíamos habitá-las, pois em si só, suas regras herméticas de modernidade, funcionalidade e racionalidade, seriam na verdade, insuportáveis aos homens falhos advindos de cidade igualmente falíveis.

Talvez aí, de forma radicalmente inversa, se encontre o segredo do *constrangedor* fracasso das *Celebrations* da vida.

Referências bibliográficas

BENEVOLO, LEONARDO. **História da Cidade**, São Paulo: Ed. Perspectiva, 3ª Ed., 1999

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, **Carta de Atenas**, 1933.

IRAZÁBAL, CLARA. **Da carta de Atenas à Carta do novo urbanismo. Qual o seu significado para a América Latina?** In: ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq019/bases/03tex.asp>. 24 de junho de 2002.

GOROVITZ, MATHEUS. **Cidade e Iluminismo-Brasil/Séc XVIII**, In: Cadernos Eletrônicos da Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB, disponível em http://www.unb.br/fau/pos_graduacao/cadernos_eletronicos/cidade_e_iluminismo/cidade.htm, 23 de junho de 2002, 22:34.

HALL, PETER. **Cidade do Amanhã**, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.

LARA, FERNANDO. **Vizinhos do Pateta**, In: In: ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq011/bases/02tex.asp> 24 de junho de 2002, 00:39

_____. **Admirável Urbanismo Novo**, In: ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto056.asp> 24 de junho de 2002.

LEVY, PIERRE. **Cibercultura**, São Paulo: Ed. 34, 2ª Ed, 2001.

MORE, THOMAS. **Utopia**, Lisboa: Ed. Europa-América, 1973.

PINTO, MAURÍCIO F. **Os Impasses do Mundo**. Artigo In: Revista eletrônica NOVAE, disponível em <http://www.novae.inf.br/novasvozes/impasses.html>. 23 de março de 2002, 18:27.

PLATÃO, **A República**, São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

ROUAUNET, SÉRGIO PAULO. **A cidade Iluminista**, In: PALESTRA; A cidade como espaço de inclusão e exclusão social, 1997, Rio de Janeiro, RESUMO: UERJ-1997.

VIANA, JOAQUIM. **A Cidade de Utopus, uma busca moderna ?** In: Revista eletrônica Turba, disponível em <http://www.geocities.com/revistaturba/turba021.htm> 25 de Abril de 2002, 10:34.

VIRILIO, PAUL. **Entrevista concedida a Juremir M. da Silva** In: Revista Eletrônica Trópico, disponível em <http://www.uol.com.br/tropico/printablenot170.htm>, 5 de Março de 2002.

¹ Doutorando do PPGDIR-UERJ. Professor de Teoria do Estado e Chefe Geral de Departamento do Curso de Direito do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense – UFF

² A referência idílica é a do poema de Manuel Bandeira, (1886-1968) Vou-me embora pra Pasárgada, e específico ao trecho (...)Em Pasárgada tem tudo/ É outra civilização/Tem um processo seguro/De impedir a concepção/Tem telefone automático/Tem alcalóide à vontade/Tem prostitutas bonitas/Para a gente namorar. IN: Bandeira a Vida Inteira. Rio de Janeiro: Ed.Alumbramento.1986, p. 90.

³ No caso, a visão mormente é estendida ao entendimento do Estado Perfeito. Preservou-se o sentido original da obra, que é o relato sobre a Cidade ideal, perfeita.

⁴ PLATÃO, A República, 465 a-e, São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002. p.161

⁵ PINTO, MAURÍCIO F. Os Impasses do Mundo. In: Revista eletrônica NOVAE, disponível em <http://www.novae.inf.br/novasvozes/impasses.html>. 25 de Abril de 2002.

⁶ PINTO, MAURÍCIO F. op. cit.

⁷ MORE, THOMAS. Utopia, Lisboa, Ed. Europa-América, 1973, p. 62.

⁸ _____ op cit, p. 65.

⁹ _____ op cit, p. 114.

¹⁰ _____ op cit, p. 124.

¹¹ CAMPANELLA, TOMMASO. A Cidade do Sol, São Paulo, Ed. Atena, 5ª Ed, 1960, p.10.

¹² O filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832) concebeu a idéia do panóptico em 1789, criando um projeto de prisão circular, onde um observador central poderia ver todos os locais onde houvesse presos, ou seja, uma prisão-modelo, tendo também a idéia sido aplicada como solução as instituições educacionais, de assistência e de trabalho, uma solução econômica que resolveria tanto para os problemas do encarceramento, quanto um esboço de modelagem da sociedade racional.

¹³ _____ op. cit. , p.10.

¹⁴ _____ op. cit. , p.50.

¹⁵ _____ op. cit. , p.61.

¹⁶ _____ op. cit. , p.49.

¹⁷ ROUAUNET, SÉRGIO PAULO. A cidade Iluminista, In: PALESTRA; A cidade como espaço de inclusão e exclusão social, 1997, Rio de Janeiro, RESUMO: UERJ-1997.

¹⁸ Etienne Cabet, publicista francês (1788-1856), participante no movimento político do proletariado nos anos 1830-40. Na consolidação da Revolução Industrial, propôs um plano de criação de uma comunidade agrária modelo, que seria o ponto de partida para a transformação do mundo. O plano da nova sociedade está exposto em sua utopia *Viagem à Icária*, (1840) onde apregoa não somente a coletivização dos meios de produção, mas também uma estrita regulamentação do consumo e da vida intelectual da população.

¹⁹ Claude-Nicolas Ledoux, Arquiteto Francês (1736-1806). Usou seu conhecimento da teoria da arquitetura para projetar além da arquitetura usual a sua época, de vies neoclássico, concebendo uma idéia o urbanística, como projetado em seu plano visionário para *Chaux*, uma cidade idealista e visionária, com idéias de design inovador para um urbanismo e uma arquitetura destinada a melhorar a sociedade, criando uma Cidade Ideal plena de símbolos e significados.

²⁰ François Marie Charles Fourier, Filósofo Francês (1772 –1837) é considerado um dos criadores do cooperativismo. Propôs a criação de unidades de produção e consumo - *as falanges* ou *falanstérios* - baseadas em uma forma de cooperativismo integral e auto-suficiente, assim como na livre perseguição

do que chamava *paixões* individuais e seu desenvolvimento, o que constituiria um estado que chamava *harmonia*.

²¹ O uso das palavras URBS e CIVITAS remete-se a concepção romana de cidade; vide: COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret. 2002.

²² GOROVITZ, MATHEUS. *Cidade e Iluminismo-Brasil/Séc XVIII*, In: *Cadernos Eletrônicos da Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UnB*, disponível em http://www.unb.br/fau/pos_graduacao/cadernos_eletronicos/cidade_e_iluminismo/cidade.htm, 23 de junho de 2002.

²³ BENEVOLO, LEONARDO. *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 3ª Ed., 1999, p. 567-572.

²⁴ Robert Owen (1771-1858) foi um socialista utópico inglês, considerado um dos criadores do cooperativismo. Sua trajetória profissional esteve ligada a indústria têxtil, onde passou de gerente a sócio de uma fábrica, onde reduziu a jornada de trabalho para 10,5 horas diárias - um avanço para a época, já que a jornada de trabalho de um típico operário têxtil era de 14 a 16 horas diárias. Preocupou-se ainda com a qualidade de vida dos seus empregados, construindo casas para as famílias dos operários, o primeiro jardim-de-infância e a primeira cooperativa. Em 1817 passou da ação assistencial para a crítica frontal ao capitalismo, tentando convencer as autoridades inglesas, bem como estrangeiras, da necessidade de reformas no setor de produção, criando nos Estados Unidos a colônia de *New Harmony* que funcionou nos primeiros anos mas finalizou sua experiência sem obter o êxito esperado.

²⁵ Jean-Baptiste André Godin (1817 -1888) industrial francês, teve intenção de concretizar suas ideias sócio-políticas, adquirindo em 1859, 18 hectares de um terreno onde mandou construir um complexo arquitetônico de habitações para operários. À medida que o projeto se foi consolidando, passou-se a chamar de Familistério, gerido de uma perspectiva empresarial, ainda que segundo um espírito comunitário, o familistério durou até fins da década de 1960.

²⁶ _____, op. cit, p. 568.

²⁷ VIANA, JOAQUIM. *A Cidade de Utopus, uma busca moderna ?* In: *Revista eletrônica Turba*, disponível em <http://www.geocities.com/revistaturba/turba02/turba021.htm>. 25 de Abril de 2002.

²⁸ Georges Eugène Haussmann (1809-1891), urbanista francês que extensivamente redesenhou Paris sob o reinado de Napoleão III (1852-1870). Seus projetos incluíram a construção de amplos bulevares, a instalação da estação ferroviária fora da área central da cidade, e novos parques - em particular, o Bois de Boulogne. Grandes setores da antiga Paris medieval simplesmente foram pulverizados por suas obras. Estas inovações tiveram uma forte influência em muitos dos projetos de reurbanização da época, inclusive no Brasil, como no caso da construção de Belo Horizonte, no fim do Séc. XIX e na reurbanização do Rio de Janeiro no começo do Séc. XX.

²⁹ _____, op. cit.

³⁰ Primeiro processo industrial de transformação em larga escala, do ferro em aço, desenvolvido paralelamente pelo norte-americano William Kelly (1811-1888) e pelo inglês Henry Bessemer (1813-1898) que registrou sua patente.

³¹ VIANA, JOAQUIM. op. cit.

³² BENEVOLO, LEONARDO. op. cit, p. 631.

³³ CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, Carta de Atenas, 1933, 95.

³⁴ IRAZÁBAL, CLARA. *Da carta de Atenas à Carta do novo urbanismo. Qual o seu significado para a América Latina?* In: *ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura*. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq019/bases/03tex.asp> 24 de junho de 2002.

³⁵ CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. op. cit, 32.

³⁶ IRAZÁBAL, CLARA. op. cit.

³⁷ O Novo Urbanismo surge na década de 1980 nos E.U.A , inspirado nos padrões utilizados pela proeminência do automóvel no planejamento urbano das cidades, com o objetivo de resgatar a qualidade de vida e melhorar o relacionamento entre o homem e a cidade, num desenvolvimento sustentável de longo prazo, levando em consideração análises estatísticas e pormenorizadas a respeito do impacto entre as novas e antigas intervenções urbanas e as suas repercussões nos planos social, ambiental e econômico.

³⁸ IRAZÁBAL, CLARA. op. cit.

³⁹ LARA, FERNANDO. Vizinhos do Pateta, In: In: ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq011/bases/02tex.asp> 24 de junho de 2002.

⁴⁰ _____ . op. cit.

⁴¹ LARA, FERNANDO. Admirável Urbanismo Novo, In: In: ARQUITEXTOS-Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto056.asp> 24 de junho de 2002.

⁴² Pierre Lévy, Filósofo tunisino, (1956) que se ocupa em estudar as interações entre a Internet e a sociedade. sendo pesquisador reconhecido e respeitado na área de cibernética, de inteligência artificial. Precursor de concepções como inteligência coletiva, ciberespaço, cibercultura e da internet como um instrumento de desenvolvimento social.

⁴³ LEVY, PIERRE. Cibercultura, São Paulo, Ed. 34, 2ª Ed, 2001.

⁴⁴ Paul Virilio Filósofo e Urbanista francês (1932) é pesquisador e autor de vários livros sobre as tecnologias da comunicação, define a era da informática como algo perigoso, já que nos leva à perda da noção da realidade, quebrando distâncias e territorialidades e ainda proporcionando uma quantidade absurda de informações. Sugerindo um uso da internet e da cibernética de forma civilizada, pois relaciona a internet com a história e a cultura norte-americana, caracterizada por uma imposição ao mundo, um controle universal.

⁴⁵ VIRILIO, PAUL. Entrevista concedida a Juremir M. da Silva In: Revista Eletrônica Trópico, disponível em <http://www.uol.com.br/tropico/printablenot170.htm>.5 de Março de 2002.

⁴⁶ Para maiores detalhes acerca dos Shoppings, ver RETONDAR, ANDERSON M. A compressão do espaço: As “Galerias da Modernidade-Mundo, Revista de Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v. 23, nºs 1-2, jun-dez 2000, p. 113-123.; SARLO, BEATRIZ. Cenas da Vida Pós-Moderna, Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. P.13-31.

⁴⁷ perfeição . [Do lat. perfectione.] S. f. 1. O conjunto de todas as qualidades; a ausência de quaisquer defeitos: a perfeição do ser absoluto. 2. O máximo de excelência a que uma coisa pode chegar; primor, correção: a perfeição de um soneto; a perfeição de um gráfico. 3. O maior grau de bondade ou virtude a que pode alguém chegar; pureza: perfeição de caráter, de sentimentos. 4. O mais alto grau de beleza a que pode chegar alguém ou algo: perfeição de traços, de formas. 5. Execução sem falhas, perfeita: a perfeição de um objeto; a perfeição de uma interpretação musical. 6. Precisão (5). 7. Requite, apuro, esmero: a perfeição de uma roupa, de uma decoração. 8. Mestria, perícia: a perfeição de um artista, de um aviador. 9. Filos. Estado do que é perfeito.-DICIONÁRIO AURÉLIO XXI- edição online, disponível em <http://www.uol.com.br/aurelio/> em 25 de julho de 2002.